

O PAÍS DO QUASE



Tadeu Pereira

SINOPSE

Bia é acordada em plena noite pelo grito da amiga Carol, que lhe pede socorro depois de ter sofrido um acidente na escada do prédio onde mora. Ainda assustada, Bia recebe a visita de uma moça misteriosa, que lhe dá as instruções necessárias para que ela salve a amiga: Carol está perdida no País do Quase, um lugar fantástico, cheio de perigos e armadilhas. Uma vez transportada para lá, Bia encontra Carol, ajudando-a a enfrentar os vários obstáculos do caminho até alcançar o Portão de Vidro, a passagem de volta para a vida. Se encontrar o portão é uma tarefa difícil, mais difícil ainda será descobrir a senha para que ele se abra. Será que as meninas vão conseguir ou ficarão no quase?

PALAVRAS DO AUTOR

Fazer brigadeiros é muito gostoso. Você pega os ingredientes, mistura com carinho e mexe até dar o ponto. Se você botar um pouco mais disso ou um pouco mais daquilo, pronto, está tudo perdido. Assim também é escrever histórias. Você coloca os ingredientes, mistura com carinho e mexe até dar o ponto. Se você botar um pouco mais desse diálogo ou um pouco menos daquele personagem, pronto, está tudo perdido. Claro que o tom certo depende da mão de quem faz, mas também depende, e muito, do paladar de quem prova. É o paladar que vai gostar ou não do brigadeiro, que vai aprovar ou não a história. Por isso, torço bastante para que as crianças tenham um bom apetite ao provar esta segunda história de Bia, que já havia passado por muitas aventuras no livro *O jogo das moradas pulsantes*. Além dessas duas histórias lançadas no Projeto Zepelim, tenho outros livros infantojuvenis publicados. Mudei-me de São Paulo e hoje moro em Bebedouro, cidade na qual continuo fazendo brigadeiros e escrevendo histórias.

FICHA TÉCNICA

Ilustrador: Rogério Coelho
Formato: 20,5 x 27,5 cm
Número de páginas: 32
Coleção: *Sim, sim, salabim!*
ISBN: 978-85-385-2027-6
Indicação: A partir de 9 anos

O PAÍS DO QUASE



Tadeu Pereira

“A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade.”

ANTONIO CANDIDO

(CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004. p. 186.)

“A fruição literária não é um simples ato de consumo, mas uma construção que pressupõe capacitação, experiência. É, pois, necessário deixar de associar a leitura prazerosa à ideia da mera facilidade ou lazer. Na facilidade, não está necessariamente o prazer e, na obrigação, não está necessariamente o desprazer. O prazer pode estar associado à realização.”

LUIZ PERCIVAL LEME BRITTO

(BRITTO, Luiz Percival Leme. Sobre o processo de formação do gosto e a constituição do sujeito leitor. *Prazer em Ler 2*, São Paulo, fev. 2007. p. 26.)

“A literatura infantil, nessa medida, é levada a realizar sua função formadora, que não se confunde com uma missão pedagógica. Com efeito, ela dá conta de uma tarefa a que está voltada toda a cultura — a de “conhecimento do mundo e do ser”, como sugere Antonio Candido, o que representa um acesso à circunstância individual por intermédio da realidade criada pela fantasia do escritor. E vai mais além — propicia os elementos para uma emancipação pessoal, o que é a finalidade implícita do próprio saber.”

REGINA ZILBERMAN

(ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Global, 2003. p. 29.)

“... a diversidade é fundamental quando se compreende que o leitor não nasce feito ou que o simples fato de saber ler não transforma o indivíduo em leitor maduro. Ao contrário, crescemos como leitores quando somos desafiados por leituras progressivamente mais complexas. Portanto, é papel do professor partir daquilo que o aluno já conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de se proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes de leitura.”

RILDO COSSON

(COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 35.)

“O tratamento do texto literário oral ou escrito envolve o exercício de reconhecimento de singularidades e propriedades que matizam um tipo particular de uso da linguagem. É possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tomá-los como pretexto para o tratamento de questões outras (valores morais, tópicos gramaticais) que não aquelas que contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias.”

Parâmetros Curriculares Nacionais

(BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental — língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.)

O PAÍS DO QUASE



Tadeu Pereira

FORMAÇÃO DO LEITOR

PREPARAÇÃO E MOTIVAÇÃO PARA A LEITURA

No processo de formação do leitor, o seu papel, professor, é fundamental, especialmente ao procurar atrair o interesse e a curiosidade das crianças. Para motivá-las para a leitura, você pode apresentar o livro, ler um trecho (se for um texto narrativo em prosa ou um texto teatral) ou um dos poemas (se for um livro de poesia), oferecer informações complementares que situem a leitura, criar suspense – quando for o caso – a respeito do final ou da sequência da narrativa, contar uma história que tenha a ver com o texto que será lido ou utilizar outras estratégias que despertem nelas o desejo de ler “aquele” livro em especial.

No entanto, nesse processo, cabe a você não somente o papel de incentivador da leitura mas também de mediador das atividades de compreensão do texto, fornecendo um conjunto de instrumentos de interpretação e de estratégias para que as crianças alcancem progressivamente a autonomia leitora.

A compreensão do que se lê depende também de fatores externos ao texto, como os conhecimentos prévios das crianças. Por isso, é importante sempre incentivá-las a usar os conhecimentos que já possuem – o que sabem sobre o gênero/tipo de texto (como geralmente se organiza e que recursos linguísticos e literários costuma utilizar), o tema e o autor, outros textos que tenham lido, situações que vivenciaram, etc. – para formularem hipóteses sobre o que vão ler ou o que estão lendo.

O levantamento de hipóteses percorre todo o processo de leitura, mas pode ser feito já na exploração prévia do texto/livro, a partir da observação de alguns indicadores: gênero/tipo de texto (narrativa, poema, texto teatral, livro de imagem), organização do texto (partes em que se divide, distribuição no papel, relação entre texto e imagem), autor, título, capa, ilustrações (personagens, cenário, cores, etc.), entre outros. Levantando e checando hipóteses interpretativas, os leitores vão buscando o “fio da meada” que lhes permite construir o sentido do texto que está sendo lido.

Para facilitar a entrada no texto, você pode recorrer a perguntas pedagógicas para orientar seus alunos e apontar caminhos possíveis para a compreensão do que se lê. Considerando o perfil da turma, você pode elaborar perguntas de antecipação (pré-leitura) que ajudarão os alunos a formular hipóteses e a ativar conhecimentos relevantes para a leitura do texto, partindo do que já sabem para descobrirem o que ainda não sabem e construindo uma ponte entre o livro que será lido e o que foi trabalhado anteriormente na sala de aula.

Um recurso valioso que também facilita a entrada no texto é a leitura expressiva, que consiste em dar vida às palavras, em colocar na voz os sentidos do texto, ou seja, em oralizar a interpretação do texto. Ler expressivamente é ler com a entonação e o ritmo adequados, com a modulação da voz, com boa dicção, com as pausas devidas, com naturalidade, com a ênfase correta (um momento de suspense ou de grande descoberta, por exemplo). Por ser uma atividade que consegue chamar a atenção das crianças para a beleza das palavras e também despertar e manter o interesse delas pela leitura, deve ser mais valorizada na escola e praticada com maior frequência.

O PAÍS DO QUASE



Tadeu Pereira

EXPLORAÇÃO DA LEITURA

O processo de exploração da leitura tem como objetivo facilitar às crianças a compreensão das características de composição verbal e/ou visual do livro lido.

Cabe a você, professor, fazer perguntas que permitam às crianças compreender que a literatura trabalha com palavras e imagens para criar efeitos de sentido. Essas questões devem ampliar a compreensão do texto literário e despertar o olhar dos alunos para a multiplicidade de sentidos que os textos dessa natureza podem oferecer. Essa é uma excelente estratégia didática, sobretudo para a exploração da leitura daqueles textos que se distanciam muito do nível de autonomia de leitura das crianças. É também importante que os alunos possam interrogar o texto, explicitando os procedimentos que utilizam para lhe atribuir sentido. Assim, você contribuirá, de fato, para a formação do leitor e evitará a fragmentação e a leitura excessivamente pedagógica e escolar dos textos da esfera literária.

Para fazer a ponte entre a etapa de preparação e a exploração propriamente dita do texto, você pode pedir aos alunos que realizem uma investigação prévia da linguagem utilizada, orientando-os por meio de perguntas. Podemos citar como exemplo, dentre tantas outras, estas questões: “O texto foi entendido com facilidade ou não?”, “Existem palavras que geraram dúvidas?”, “Os parágrafos são curtos ou longos?”, “O que aconteceu no início da história?”, “O que determinou que o personagem mudasse de ideia?”. Pode-se também tirar proveito dos efeitos de sentido produzidos pelos sinais de pontuação (onde se localizam os pontos-finais, a que tipo de sentimento se referem as exclamações, que tipo de dúvidas é indicado pelas interrogações e o que sugerem as reticências), para que as crianças comecem a reconhecer e se familiarizar com as funções expressivas desses elementos.

Após essa visualização mais geral do texto, pode-se então passar a aspectos específicos do gênero/tipo de texto ou da narrativa visual (se for um livro de imagem).

Se for um texto narrativo, seus elementos centrais devem ser analisados, como o tempo, o espaço (geográfico, social ou mágico), as relações entre os personagens principais e os secundários, o narrador, entre outros aspectos.

Tomando o cuidado de não transformar a exploração da leitura em uma aula de gramática, pode-se perguntar às crianças se a história é narrada no passado, no presente ou se faz referências a um tempo futuro, instigando-as a comentar como chegaram às respostas dadas. Alguns elementos do texto podem indicar quando ocorre a história, como algumas palavras e expressões (“ontem”, “hoje”, “no mês passado”, “antigamente”, dentre outras), verbos e tempos verbais (“faz”, “está fazendo”, “brinca”, “andou”, “comeu”, “buscará”, “vai buscar”, etc.).

Pode-se explorar o espaço chamando a atenção dos alunos para palavras e expressões que denotam essa ideia e que fazem com que possam construir uma imagem mental do local onde os fatos ocorrem. Como se trata de literatura, os espaços representados nas narrativas devem ser vistos como imagens de ideias, de mundo inventados, de interpretações, seja do escritor, seja da coletividade. Um castelo, por exemplo, é muito mais do que uma construção grande e rica: representa o imaginário dos contos de fadas.

O narrador é uma figura central da narrativa e não deve ser confundido com o autor. É interessante mostrar como o narrador pode se apresentar no texto: pode ser um personagem principal ou secundário, participar da história e contar os eventos em primeira pessoa ou pode estar posicionado fora dos acontecimentos e contar a história dessa perspectiva, como observador somente.

As características dos personagens podem ser reconhecidas a partir da exploração de comportamentos, falas, silêncios, figurino, ações. Para orientar o olhar das crianças, você

O PAÍS DO QUASE



Tadeu Pereira

pode fazer algumas perguntas, como estas: “Que papel eles desempenham na história?”, “Gostam de brincar?”, “São falantes, calados, alegres, solitários?”, “Vão à escola?”, “Têm amigos?”, “O que sentem?”, “O que pensam?”, “Como se relacionam com os demais personagens (amizade, ódio, amor, solidariedade...)?”. Para ampliar as possibilidades de compreensão e interpretação do texto, você pode pedir aos alunos que façam comparações com outros personagens ou com pessoas que conheçam: poderão dizer, por exemplo, que tal personagem se parece com eles próprios, com a Emília ou com o Menino Maluquinho, que fala como o Lobo Mau, que tem os cabelos brancos como os da avó, etc. É uma estratégia produtiva para perceber como se constrói um personagem. Nessa atividade de associação, entretanto, o texto deve ser o ponto de partida e de chegada. Por isso, é muito importante que você, professor, não deixe as discussões perderem o foco da leitura, partindo para comentários a respeito da vida das crianças ou indo para longe do texto.

Dependendo do gênero, você deve chamar a atenção para diferentes elementos de composição. Na leitura de poemas, deverá orientar o olhar de seus alunos para características como sonoridade, rimas, ritmo dos versos. Mostre para as crianças que a escolha das palavras, na literatura, especialmente na poesia, é cuidadosamente pensada para obter determinados efeitos, sejam de sentido, sejam sonoros, sejam imagéticos, ou todos ao mesmo tempo.

Já no trabalho com o texto teatral, deve-se comentar que a finalidade é a representação cênica e, para tanto, alguns elementos da composição dramática devem ser ressaltados. As crianças precisam reconhecer a semelhança com a narrativa - o texto feito para o teatro também conta uma história, com cenário, personagens e no decorrer de um tempo determinado - e identificar e analisar as rubricas, que são as balizas desse gênero: indicações sobre a cena, como devem ser pronunciadas as falas, como devem se movimentar e se comportar os personagens, seu figurino, seus gestos e outras indicações.

Se o texto for não-verbal, como é o caso dos livros de imagem e das ilustrações que acompanham os textos verbais, outros olhares e percepções devem ser acionados. A composição visual envolve uma técnica (colagem, aquarela, nanquim, xilogravura; cores fortes, tons pastéis, traços finos ou espessos, etc.), escolhida pelo ilustrador para produzir determinados significados e/ou efeitos. A exploração das ilustrações de um livro deve ter como foco a estrutura e a composição e deve contemplar as relações entre texto e imagem, entre título e história narrada, entre personagens e demais elementos da narrativa (espaço, tempo, linguagem, narrador, por exemplo). Para orientar o olhar dos alunos na exploração das ilustrações, você pode recorrer a algumas perguntas, tais como: “Que tipo de elementos visuais demonstra que o espaço é grande ou pequeno, claro ou escuro?”, “Como é possível saber se os personagens estão no campo, na cidade, em casa ou em outros lugares?”, “As imagens revelam aspectos da realidade ou da fantasia?”, “De que forma as ilustrações se relacionam com o texto verbal, ampliando os seus sentidos e enriquecendo a leitura?”.

O PAÍS DO QUASE



Tadeu Pereira

EXPANSÃO DA LEITURA

Realizado o trabalho de exploração da leitura, é interessante promover a ampliação dos conhecimentos, impressões, sentimentos e significados que vieram à tona a partir do contato com o texto literário. Nesta etapa, é fundamental que você situe a leitura do livro em um universo mais amplo de expressão, o que pode acontecer de variadas formas.

Um conceito importante nesta etapa é a intertextualidade. Deve-se propiciar às crianças a oportunidade de relacionarem o texto lido com outras leituras que fizeram (diálogo com a própria literatura) e também com outras formas de expressão, como as artes plásticas, a música, o teatro, o cinema, os quadrinhos.

No caso das relações entre textos literários, deve-se desafiar as crianças a estabelecer comparações (busca de semelhanças e diferenças) de alguns aspectos: estilo dos autores (diferentes escritores têm estilos também diferentes, e isso se evidencia nas escolhas que fazem e no modo como compõem seus textos), linguagem, temática, estrutura do texto, características dos personagens, técnica de ilustração, entre outros.

É você, professor, a pessoa mais preparada para perceber as possibilidades de exploração de intertextualidade que sejam mais produtivas para seus alunos, já que cada turma tem sua história de leituras prévias, de vivências culturais, de projetos anteriores de leitura. Enfim, as atividades de expansão da leitura dependerão muito do perfil das crianças, para que elas possam, efetivamente, fazer ligações entre o livro que leram e outros que já conhecem, filmes ou peças de teatro a que assistiram, obras de arte que tenham visto, músicas que tenham ouvido.

Debates, pesquisas e atividades lúdicas (por exemplo, encenações, associações de palavras, ilustrações, jogos, projetos de divulgação na escola e na comunidade) podem enriquecer a compreensão e a interpretação do texto. Obviamente, isso não deve se tornar pretexto para atividades meramente pedagógicas, nem resultar no abandono do texto literário, que deve ser sempre, vale a pena ressaltar, o ponto de partida e de chegada do trabalho com a leitura.

O PAÍS DO QUASE



Tadeu Pereira

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

◆ ALLIENDE, Felipe; CONDEMARÍN, Mabel. *A leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento*. 8. ed. rev. e atual. São Paulo: Artmed, 2005. p. 179-182.

O trecho recomendado discute o papel da literatura na formação do ser humano e o incentivo, desde cedo, à leitura.

◆ CABRAL, Márcia. A criança e o livro: memória em fragmentos. In: KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel Ferraz Pereira (Org.). *Infância e produção cultural*. Campinas: Papyrus, 1998. p. 151-170.

Dialogando com textos autobiográficos dos escritores Graciliano Ramos e Elias Canetti, esse texto investiga a relação da criança com o livro e com a leitura e ressalta a importância de um bom mediador.

◆ COSSON, Rildo. Aula de literatura: o prazer sob controle? In: _____. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 25-30.

Esse capítulo do livro trata das relações entre literatura e escola e dos seus conflitos. É um texto questionador, que pode favorecer a reflexão sobre a sua prática e sobre o ensino de leitura na escola.

◆ KLEIMAN, Angela B. Contribuições teóricas para o desenvolvimento do leitor: teorias de leitura e ensino. In: RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker; BECKER, Paulo Ricardo (Org.). *Leitura e animação cultural: repensando a escola e a biblioteca*. 2. ed. Passo Fundo: UPF, 2005. p. 21-41.

De forma bastante didática, a autora apresenta sucintamente as principais teorias relacionadas à leitura, discutindo as suas implicações para o ensino na escola: os estudos do letramento (leitura e prática sociocultural), as teorias linguístico-discursivas (a noção de gênero) e as teorias sociocognitivas (as estratégias de compreensão).

◆ ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Global, 2003. p. 25-30.

O trecho sugerido trata da formação do leitor e das relações entre literatura e escola.

O PAÍS DO QUASE



Tadeu Pereira

PROPOSTA DE TRABALHO

ANTES DA LEITURA

1. Lugares fantásticos desde sempre permearam a literatura, assim como a fértil imaginação infantil. Comece a leitura da obra chamando a atenção dos leitores a algumas dessas terras mágicas, relacionando-as à apresentação do livro em questão. Se houver possibilidade, estabeleça um intertexto com Peter Pan e Alice no País das Maravilhas. Caracterize, com a ajuda da turma, lugares como a Terra do Nunca e O País das Maravilhas e questione a razão e a importância dos nomes que os qualificam. Por que se trata de uma Terra do Nunca? O que acontece com as crianças que se aventuram por lá? Que dizer da jornada de Alice? Quais são alguns dos lugares que se destacam no País das Maravilhas? Quais as suas surpresas?

2. A partir dessa reflexão, estimule a criatividade e a imaginação das crianças, ao pedir que caracterizem o País do Quase. Por que quase? Quase o quê? Que situações podem ser classificadas como quase? Que tipo de país é esse? Onde se localiza? Há moradores? Como funciona? De que modo se vive lá?

DURANTE A LEITURA

1. A associação da morte a algo misterioso, sombrio e instigante é bastante comum na cultura brasileira, evidenciado por meio de ditos populares e pela arte de modo geral. Discuta essa constatação com a classe e analise a figura da moça de preto que convida Bia a ingressar no País do Quase. De onde ela surge? O que a identifica? Que inferências podem ser feitas a partir de sua vestimenta? Como ela é caracterizada (“perfume de flores raras, plantas misteriosas”, p. 6)? Ela tem nome ou não? Por quê?

No tocante às cores, contraste as ilustrações em que a moça de preto está presente (p. 4, 7), com a cor do portão de vidro (p. 29). Enquanto, no início, predominam tons escuros e sombras - que podem sugerir incerteza -, ao final, o brilho do portão de vidro, iluminado pelo sol laranja, pode evidenciar esperança, solução, certeza de melhora. Incentive os alunos a refletirem sobre isso. Outra evidência desse contraste se encontra no capítulo sobre a Garganta do Ódio, em que as “montanhas cinzentas e sombrias” são iluminadas pelo sol laranja, o qual ajuda as meninas a atravessar lugar tão “sinistro” (p. 20, 21). Comente e questione a diferença de luminosidade das ilustrações e os efeitos e relação que mantêm com a narrativa. Também enfoque a presença de dois sóis. Quais são suas cores? Por que o tatu afirma que seguir o sol laranja é a escolha acertada? Como a dualidade discutida no livro é reforçada por sua presença? Comente e indague sobre a relação entre vida/luz/claridade e morte/escurecimento/sombra.

2. Retome o título da obra e questione a definição/ classificação do país. Onde pode estar localizado esse país (p. 9)? Quais os perigos de se aventurar por esse espaço? Quem se encontra em uma condição limítrofe? De que modo as percepções da menina são influenciadas por seu estado e se diferenciam daquelas da amiga que vai resgatá-la? Associe a UTI ao País do Quase e questione o estado em que as pessoas ficam quando estão nessa situação. Que detalhes apontados por Bia revelam que Carol não está nada bem (a menina está fria, sonolenta, sente dores, as pernas estão pesadas, a relva tem cheiro de injeção, ela deseja permanecer no País do Quase - no vale da ilusão, etc.)?

O PAÍS DO QUASE



Tadeu Pereira

3. Com respeito à exploração de como o País do Quase remete às sensações e aos obstáculos vividos no mundo real, discuta o momento e o cenário em que as meninas começam a se desentender. O que desencadeia a briga? Há alguma razão, algum motivo justificável para as agressões? O espaço influencia, de alguma forma, o comportamento de Bia e Carol? Como o cenário reflete o sentimento das amigas? Qual é a reação das montanhas quando as meninas fazem um pacto e param de discutir? Por que elas reagem assim? Há alguma relação com a realidade, com o fato de Carol estar na UTI? O que faz com que a amizade entre Bia e ela volte ao normal?

4. Ao adentrar o Bosque da Tentação, Carol é iludida pela menina loira, pois deseja os aparentes pêssegos trazidos por ela. Bia, por outro lado, percebe o perigo, confirmado pela “língua viscosa de serpente” (p. 14). Conduza os alunos a perceber a intertextualidade com o Jardim do Éden e a tentação oferecida em forma de fruto pela serpente. Comer do fruto, no caso do relato bíblico, também significava vida ou morte. Identifique os vários modos como essa relação é explorada na narrativa. Leve os alunos a perceber que as duas amigas estão sempre sendo tentadas e devem ter lucidez para não “cair em tentação” e assim, não conseguir chegar ao seu destino.

5. Comente o movimento conferido à aventura das meninas pelas ilustrações de Rogério Coelho. As folhas sempre presentes indicam a presença constante do Vento Detrás, assim como o esvoaçar dos cabelos de Bia e Carol. Qual é a influência do Vento Detrás no percurso das meninas? De que modo o epíteto revela o quão traiçoeiro era o vento? Alguém podia controlá-lo? Comente as consequências do sopro do vento e como as ilustrações ganham movimento com sua passagem, assim como o caminho percorrido pelas meninas e a contínua mudança de obstáculos, paisagens e sensações.

6. O resgate de Carol não passou de um sonho maluco? Explore essa possibilidade com os alunos, pedindo a eles que dêem sua opinião. Que eventos apoiam essa afirmação e quais, em contrapartida, confirmam a aventura? Quem classifica a viagem como sonho?

7. No tocante à estrutura do texto, de que modo os capítulos estão organizados? Qual é a relação entre sua divisão e os cenários? Cada novo lugar representa um desafio diferente, explorando-se o modo como as meninas os enfrentam e os vencem. Embora sejam interligados, os capítulos parecem funcionar como contos - pequenas histórias - que fazem parte do grande quebra-cabeça que é a narrativa. Analise essa apresentação da obra e a maneira como se as partes se encaixam para chegar ao desfecho.

Estabeleça uma comparação entre o País do Quase e um país real. De que partes os países são normalmente constituídos? É possível supor que as regiões fantásticas que as meninas atravessam caracterizam essa terra mágica como um país? Comente, ainda, que a coleção da qual o livro faz parte destaca o maravilhoso e que essa apresentação por meio de pequenas histórias na forma de um mosaico colabora para a construção desse espaço dos sonhos malucos de Bia.

DEPOIS DA LEITURA

1. No tocante ao diálogo sobre a morte e um lugar imaginário em que se discutem questões sobre a vida e o relacionamento com outros, Ponte para Terabítia, de Katherine Paterson, é uma excelente oportunidade de expansão da leitura. Encontrada na versão literária e

O PAÍS DO QUASE



Tadeu Pereira

cinematográfica, a obra narra as aventuras de Jess e Leslie, amigos que criam essa terra mágica. Contudo, certo dia, ao tentar ingressar em Terabítia sozinha, Leslie cai no rio que dá acesso ao lugar, desmaia e morre. A ausência do amigo fez com que não houvesse socorro. Essa relação estreita de amizade é similar à de Bia e Carol, assim como a necessidade de estarem unidos os colegas para que entrem ou saiam do mundo da fantasia, criado aparentemente somente por e para eles.

- A presença da moça de preto como aquela que identifica o País do Quase e dá o passe para Bia se aventurar por ele também dialoga com outros personagens do cinema, tais como o anjo Seth (Cidade dos Anjos. Brad Silberling. EUA: Warner Bros., Atlas Entertainment, Regency Enterprises: Dist. Warner Bros. 1 filme (114 min): son. (legendado), color.: 35mm), e a morte encarnada na figura de Joe Black (Encontro Marcado. Direção de Martin Brest. EUA: Universal Pictures & City Light Films: Dist. Universal Pictures/ UIP,1998. 1 filme (186 min): son. (legendado), color.: 35 mm). Embora os papéis desses personagens sejam diferentes, é possível comentar sua apresentação – vestem-se de preto, têm origem misteriosa, afetam a vida das pessoas com quem estabelecem tratos, estão envoltos em mistério –, assim como a moça de preto.

2. O jogo das moradas pulsantes, de Tadeu Pereira, narra a primeira aventura de Bia, também relacionada a hospitais, à vida e à morte, bem como à presença da menina como fonte de revigoramento para alguém muito próximo, que se encontra no estado de quase vida, quase morte. Em ambas as obras, Bia é convidada a viajar a um lugar distante, o qual tem a ver com o estado da pessoa querida que não está bem. Lá, a menina é motivada e ajudada por animais.

Interessante é a presença constante das folhas, que conferem movimento ao espaço em que se desenrola a narrativa, e contribuem para a noção da passagem do tempo. Embora as semelhanças sejam várias, há uma diferença fundamental – o desfecho das obras. Na primeira, Bia se depara com a perda e percebe o ciclo natural pelo qual é inevitável se aventurar; na segunda, a recuperação da amiga acontece e muito tem que ver com sua presença no hospital. O diálogo sobre a morte, os estágios que a precedem, quando acontecem, e o quanto se pode interferir ou não pode ser discutido com os alunos. A quarta capa de O jogo das moradas pulsantes comenta que o percurso confere a Bia descobertas sobre a vida. De que modo ambos os livros corroboram essa afirmação? Que descobertas foram essas?

Colaboração: Ana Cristina de Aguiar Bernardes e Elis Carrijo Guimarães